



POR QUE FREUD? A RESPOSTA DE PAUL RICŒUR

WEINY CÉSAR FREITAS PINTO¹

RESUMO:

“Por que Freud?”. Os ecos dessa interrogação filosófica feita por Ricœur no Colóquio de *Bonneval*, 1960, cuja conferência já anuncia as diretrizes fundamentais da grande obra de 1965, *Da interpretação – ensaio sobre Freud*, ressoam ainda hoje de forma inquietante. Afinal, o que leva um filósofo ao encontro “perturbador” com a psicanálise? Esse encontro, que coloca em questão não um ou outro tema da filosofia, mas todo o conjunto filosófico, tem suas razões, afirmará Ricœur. Quais são elas? O que precisamente do ponto de vista filosófico levou Ricœur, um filósofo formado pela fenomenologia, pela filosofia existencial, pela renovação dos estudos hegelianos e pelas investigações de tendências linguísticas, a dedicar-se de forma tão intensa à psicanálise? Há duas razões muito precisas, e de particular importância para a filosofia ricœuriana, que explicam o *Por que Freud?* de Ricœur: o tema da culpabilidade e a possibilidade de uma alternativa à fenomenologia e às filosofias da consciência. O artigo apresenta o desenvolvimento e o sentido dessas duas razões.

¹UFMS-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Professor do curso de Filosofia e do Mestrado em Psicologia da UFMS.

Palavras-chave: Freud. Ricœur. Filosofia ricœuriana. Filosofia da psicanálise.

ABSTRACT:

“Why Freud?”. The echoes of this philosophical question posed by Ricœur at the Bonneval Colloquium in 1960, whose lecture already announced the fundamental guidelines of his great work of 1965, *On Interpretation - an essay on Freud*, still resonates today. After all, what leads a philosopher to a “disturbing” encounter with psychoanalysis? This encounter, which calls into question not one or another theme of philosophy, but the whole of philosophy, has its reasons, Ricœur said. What are they? What precisely from a philosophical point of view led Ricœur, a philosopher trained in phenomenology, existential philosophy, the renewal of hegelian studies and research into linguistic trends, to devote himself so intensely to psychoanalysis? There are two very precise reasons, of particular importance for Ricœur’s philosophy, which explain Ricœur’s *Why Freud?*: the theme of guilt and the possibility of an alternative to phenomenology and to philosophies of consciousness. The article presents the development and meaning of these two reasons.

Keywords: Freud. Ricœur. Ricœurian philosophy. Philosophy of psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

Quais são as razões filosóficas que justificam o encontro, a interlocução, a relação entre filosofia e psicanálise? O que explica o interesse, o uso, a enorme atenção e dedicação filosóficas dirigidas a Freud? Em suma: *Por que Freud?* Por que Freud, filosoficamente? Esta é uma das questões centrais com a qual quem se dedica aos estudos de interface entre Filosofia e Psicanálise vai, em algum momento, incontornavelmente, se deparar. De maneira particular, tenho tentado nos últimos anos formular uma resposta robusta à questão. Embora ainda não tenha conseguido, encontrei no filósofo francês Paul Ricœur (1913-2005) a melhor e mais fecunda tentativa de resposta. Me apoio, desde então, na resposta ricoeuriana para levar adiante a minha própria tentativa. Mas qual é a resposta de Ricœur?

POR QUE FREUD?

Em 1960, no famoso *Colloque de Bonneval*, Ricœur anunciava em sua conferência *O consciente e o inconsciente* as diretrizes fundamentais da sua grande obra, a ser publicada cinco anos mais tarde, 1965, *Da interpretação – Ensaio sobre Freud*. Nas primeiras linhas de sua exposição, Ricœur se indagava: afinal, o que leva um filósofo formado pela fenomenologia, pela filosofia existencial, pela renovação dos estudos hegelianos e pelas investigações de tendências linguísticas ao encontro “perturbador” com a psicanálise?

Este encontro – que coloca em questão não um ou outro tema da filosofia, mas todo o conjunto filosófico! –, seguramente tem suas razões. Sabemos que antes de Freud se tornar “moda” na filosofia francesa, Ricœur já dialogava teoricamente com a psicanálise desde 1950, em seu *O voluntário e o involuntário*. Além disso, sabemos também que depois de *A simbólica do mal*, 1960, ele se dedica a uma “leitura exaustiva da obra de Freud”, o que se comprova, seja na conferência de *Bonneval*, seja por meio de seus cursos, conferências e seminários na *Sorbonne*, onde trabalhava então desde 1956, seja ainda mediante sua presença em outras universidades internacionais pelas quais era frequentemente convidado, como por exemplo, a *Université Catholique de Louvain*, na Bélgica, e a *Yale University*, nos EUA. Nesse período, que vai de 1960 a 1965, a psicanálise esteve no centro do *enseignement* filosófico de Ricœur. Aliás, a “leitura exaustiva” da obra freudiana e o conteúdo dessas atividades de pesquisa e ensino são justamente os embriões do *Ensaio sobre Freud*.

Mas o que exatamente, desde o ponto de vista filosófico, levou Ricœur a dedicar-se de forma tão intensa à psicanálise? São duas razões muito precisas e de particular importância para a sua filosofia: o tema da culpabilidade e a possibilidade de uma “alternativa” à fenomenologia e às filosofias da consciência.

Quanto ao tema da culpabilidade, o problema era que, embora Ricœur tivesse se esforçado em *A simbólica do mal* para fornecer o “concreto da vontade”, isto é, a vontade em sua dimensão mais concreta possível – aí teoricamente melhor compreendida na manifestação da “vontade má”, expressa pela mediação dos símbolos da cultura, entre os quais notadamente o da culpa –, havia algo de que esta simbólica não dava conta, algo que escapava aos grandes símbolos culturais, que a tragédia grega, os mitos e a narrativa bíblica não explicavam: a culpabilidade infantil, arcaica, patológica. Surgia aqui, com a psicanálise, uma nova face da “concretude da vontade”, esta modalidade específica da culpa se impunha então como uma espécie de “resíduo inacessível” à análise fenomenológico-proto-hermenêutica d’*A simbólica do mal*.

Com efeito, para a compreensão desta nova “concretude da vontade”, manifesta agora na modalidade patológica da culpa, era preciso reconhecer os limites metodológicos da *Filosofia da vontade*; isso quer dizer, buscar “alternativas” ao método fenomenológico nela empregado. Assim, o arcaísmo da culpabilidade, revelado pela psicanálise, mantinha o projeto filosófico d’*A simbólica do mal*, mas mudava o seu método. Tratava-se agora de deixar-se guiar então pela “inteligência do freudismo”, o que aprofundaria ainda mais a “opacidade do *cogito*”, e consequentemente a crítica ricœuriana às filosofias da consciência.

Ou seja, se de um lado o projeto ricœuriano de busca pelo “concreto da vontade” conseguiu com a proto-hermenêutica d’*A simbólica do mal* se distanciar consideravelmente da “vontade pura”, abstrata, presente na análise fenomenológica de

O voluntário e o involuntário; de outro, a psicanálise aparecia como uma espécie de “réplica à *A simbólica do mal*”: ela não somente indicava com a máxima radicalidade seus limites metodológicos, como também, e principalmente, revelava uma dimensão ainda mais concreta da vontade, à qual *A simbólica do mal* não tinha alcançado; isto é, descobriu-se que, para além da “vontade má”, expressa pelos símbolos da cultura, a dimensão concreta da vontade estava na “vontade mórbida”, expressa pelos sintomas.

Ora, uma descoberta dessa natureza muda tudo. Muda o conceito – a passagem da “vontade má” à “vontade mórbida” –, muda o objeto – do “símbolo da cultura” ao “sintoma do corpo” –, muda o método – a racionalidade do símbolo é radicalmente confrontada pela epistemologia do sintoma. Tudo isso obriga o projeto filosófico ricœuriano a uma reordenação total:

Eu reencontrava o realismo de Dalbiez, para quem a psicanálise era ‘um estudo filosófico que leva em conta a natureza no homem’ [...], e tendo adotado a linha da fenomenologia da religião de Eliade, eu tinha o sentimento de que em Freud, Nietzsche e Marx havia um pensamento adverso sobre o qual eu devia me explicar. [...] Se tratava de uma outra perspectiva, de uma orientação diferente daquela desenvolvida pela fenomenologia. (RICOEUR, *La critique et la conviction*, 1995, p. 50; 119).

Nesse sentido, a constatação de que a *Interpretação dos sonhos* inaugura uma nova hermenêutica, as implicações das obras terminais de Freud, nas quais a psicanálise se estende em uma verdadeira filosofia da cultura, e o estabelecimento da oposição entre a “hermenêutica ampla” d’*A simbólica do mal* e a “hermenêutica redutora” do pensamento freudiano, marcam então as premissas do novo quadro teórico no qual se move Ricœur.

Especialmente o tema da distinção destas duas hermenêuticas terá papel crucial na compreensão do *Da interpretação*. Ricœur chama a hermenêutica d’*A simbólica do mal* de “hermenêutica ampla”, em razão da sua estrutura semântica de duplo-sentido, quer dizer, trata-se aí de identificar a amplidão, o excesso, o “surplus de sentido” do símbolo, restando à reflexão basicamente o trabalho de “recuperar” o “sentido profundo” aí contido, apenas dissimulado. Outra coisa completamente diferente é o que se passa com a “hermenêutica redutora” da psicanálise. Ricœur sabe que não se trata aí de “recuperar” qualquer “excesso de sentido”, ou qualquer espécie de “sentido inconsciente profundo, meramente dissimulado”. A noção de “hermenêutica redutora”, também chamada de “desmistificadora”, justamente mostra que, no caso específico da psicanálise, é precisamente a “redução”, ou a “desmistificação” do sentido, que está em jogo.

Há aqui, portanto, uma espécie de ceticismo metodológico, na medida em que a estrutura semântica que comanda esta hermenêutica é a estrutura da dúvida,

ou seja, não há “sentido”, há antes “suspeita”, nisso consiste metodologicamente a hermenêutica da psicanálise.

A rigor, não há que se falar, então, em “consciencialismo” ou em “transformação da psicanálise em hermenêutica”. Os termos da questão são outros. Para Ricœur, a psicanálise é acima de tudo uma “hermenêutica da suspeita”, e isso quer dizer que ela não é rigorosamente uma “teoria da interpretação”, mas uma “semântica” – “semântica do desejo”, “semântica da cultura” etc.

Consequentemente, a distinção entre “interpretação” e “semântica” retoma em outro nível, muito mais profundo e esclarecedor, a diferença entre as hermenêuticas d’*A simbólica do mal* e da psicanálise. Nesse contexto muito preciso, enquanto n’*A simbólica do mal* temos, no sentido forte do termo, uma “teoria da interpretação”, um vez que o que está em jogo aí é fundamentalmente “interpretar” os símbolos da cultura; na psicanálise, todo o esforço de Ricœur é trazer para o primeiro plano o caráter “semântico” da teoria freudiana. Dessa forma, a atenção do filósofo se volta não exatamente à “interpretação” do sintoma, mas às condições do sentido do sintoma.

Para explicar a radicalidade da oposição que se instaura entre a “hermenêutica ampla” – “teoria da interpretação” –, d’*A simbólica do mal* e a “hermenêutica redutora” – “semântica” – da psicanálise, Ricœur recorre ao clássico dilema da filosofia da cultura do *Aufklärung*, “tradição versus crítica”: “[...] Minha leitura da simbólica do mal era uma leitura *tradicional*, aquela de Freud, uma leitura *crítica*.” (RICOEUR, *Auto-compréhension et histoire*, (1987), 1991, p. 15. O itálico é nosso).

Em suma, de um lado, a teoria tradicional da interpretação; de outro, o método crítico da semântica. Este “criticismo ricœuriano” será simplesmente determinante no *Da interpretação*: “[...] eu me dedicava a reconhecer a validade da psicanálise. [...]” (RICOEUR, *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*, 1995, p. 35). É dele que decorrerá enfim:

- a redefinição da tarefa hermenêutica, que não será mais apenas “teoria interpretação”, mas uma verdadeira crítica das condições de possibilidade do sentido;
- o remanejamento total da “filosofia reflexiva”, que terá a “opacidade do cogito” significativamente agravada, em virtude da epistemologia *sui generis* do sintoma; e,
- a estrutura adotada por Ricœur em seu *Ensaio sobre Freud*, que será então dividido substancialmente entre a parte *Analítica* – a ideia de uma “leitura” rigorosa e objetiva da obra freudiana –, e a parte *Dialética* – o projeto de uma “interpretação filosófica” da psicanálise.

É então baseada fundamentalmente no conflito dessas duas hermenêuticas – a d’*A simbólica do mal* e a da psicanálise –, que se encontra a gênese do *Da interpretação*.

E sabemos que especialmente a noção de “conflito das interpretações” em Ricœur não deve ser subestimada, porque ela expõe não somente a radicalidade do seu criticismo, “[...] o reconhecimento do direito igual de interpretações rivais [...] uma verdadeira deontologia da reflexão e da especulação filosófica. [...]” (RICOEUR, *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*, 1995, p. 35), mas também uma espécie de diretriz fundadora da compreensão do seu freudismo:

Deve-se analisar minha leitura da psicanálise a partir do que desenvolvo em *O conflito de interpretações*. Pois é em um campo conflitual que a interpretação psicanalítica deve ser pensada. Conflitual em relação a mim, em relação à fenomenologia e também à hermenêutica de textos. (SAFATLE; RICOEUR, *Teoria da solidão impossível: por uma filosofia da memória reconciliada*, 2005, fl. 8.)

Portanto, é no universo do conflito, onde, em última análise, o *Da interpretação* deve ser pensado e compreendido, assim como é também aí que se pode compreender o *Por que Freud?* de Ricœur.

REFERÊNCIAS

Ricœur, Paul. *Philosophie de la volonté. Le volontaire et l'involontaire*. Paris: Aubier, 1950. t. 1.

_____. *Philosophie de la volonté. Finitude et culpabilité: I. L'homme faible. II. La symbolique du mal*. Paris: Aubier, 1960. t. 2.

_____. *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1995.

_____. *Réflexion faite: autobiographie intellectuelle*. Paris: Éditions Esprit, 1995.

_____. *La critique et la conviction: entretien avec François Azouvi et Marc de Launay*. Paris: Calmann-Lévy, 1995.

_____. *Le conscient et l'inconscient*. In: _____. *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*. Paris: Seuil, 2013.

_____. *Teoria da solidão impossível: por uma filosofia da memória reconciliada*. Folha de S.Paulo, São Paulo, Mais!, fl., 8, 29 mai. 2005. Entrevista concedida a Vladimir Safatle.

_____. *Auto-compréhension et histoire*. In: Martínez, T. C.; Crespo, R. A. (Ed.). *Paul Ricœur: los caminos de la interpretación. Actas del symposium internacional sobre el pensamiento filosófico de Paul Ricœur. Autores, textos y temas* (Grana, 1987. Barcelona: Anthropos, 1991), 9-25.